

A DECIFRAÇÃO DAS ESCRITAS CUNEIFORMES

Em 1857, ano em que sopravam intensamente na Europa os ventos do orientalismo, que se repercutiam fecundamente na arte, designadamente na pintura e na literatura, recrudescia, de igual modo, o interesse intelectual e científico pelo Oriente, e, particularmente, pelo passado. Não obstante, ao mesmo tempo que se aprofundava a curiosidade e o fascínio romântico por esse mundo extra-europeu, as grandes potências procuravam exercer o seu domínio material e colonial sobre o Oriente mais longínquo. Nesse ano, ingleses e franceses respondiam aos ataques chineses que deram origem à segunda guerra do ópio e deflagrava a revolta indiana, consubstanciada pelos motins generalizados contra a soberania britânica. Expunha-se assim uma dimensão bem menos doce do fascínio europeu por esse Oriente - o Ocidente pretendia controlar o *outro* e conhecê-lo era tão-só uma vertente desse almejado domínio. Contudo, 1857 foi também o ano em que Flaubert, que havia errado pelo Egipto, pela Palestina e pela Síria, entre 1849 e 1851, trouxe a público a *Madame Bovary*. Muitos outros intelectuais e artistas se sentiram atraídos por esse encantamento oriental e entre eles, escritores, pintores e até os primeiros fotógrafos. É, pois, neste contexto cultural mas também político que se entende, como nos explica Edward Said ⁽¹⁾, o quanto o orientalismo consiste numa «*intenção*» ⁽²⁾ de compreender, nalguns casos de controlar, manipular, ou até incorporar, aquele que é um mundo manifestamente diferente».

Nesse ano de 1857, Edwin Norris, então secretário da Royal Asiatic Society, de Londres, facultou a quatro assiriólogos uma cópia de uma recém-descoberta inscrição de Tiglat-Pileser I. Os quatro, Oppert, Rawlinson, Hincks e Talbot, produziram traduções cuja concordância era tão evidente que esse momento ficou, de algum modo, registado como o momento da decifração oficial do cuneiforme. Contudo, a caminhada que conduziria a esse momento havia começado muito tempo antes. Devemos, porventura, recuar ao século XVII para assinalar os seus primeiros passos.

Pietro della Valle, aristocrata de Roma, homem culto, conhecedor do grego e do latim, realizou uma viagem pelo Oriente, que teve início em 1614. Depois de aprender o árabe e o turco em Constantinopla, prosseguiu a sua aventura por Alexandria, Jerusalém, Damasco, Alepo e Bagdad. Visitou, em seguida, a Pérsia, e chegou à remota Índia. Regressaria a casa em 1626, depois de um demorado périplo pelo Oriente. Ao atravessar a Pérsia, visitou Behistun e observou, certamente deslumbrado pela magnífica inscrição esculpida na parede quase inacessível da montanha, a complexidade de uma escrita completamente diferente do que alguma vez havia visto e copiou alguns dos signos ali gravados. Terá sido o primeiro ocidental moderno a fazê-lo, observando ainda que a inscrição apresentava 413 linhas. Jean Chardin, um comerciante francês, publicou, em 1674, vários signos, observando que a inscrição se apresentava em três secções paralelas. Engelbert Kämpfer, um viajante alemão, integrou como médico, em 1684, uma missão sueca à Pérsia, onde visitou Persépolis. O alemão tinha um espírito metódico e extremamente observador e, ao tomar contacto com aqueles signos que ninguém sabia decifrar, ficou interessado, chamando-lhes mais tarde «*litterae cuneatae*».

Carsten Niebuhr nasceu em 1733, na Alemanha. Em 1760, foi convidado a participar numa expedição científica com o patrocínio de Frederico V da Dinamarca, que acabou por o levar ao Egipto e, passando pela Arábia, à remota Índia. Viveu uma temporada em Persépolis e visitou Behistun, onde se dedicou a registar e a desenhar meticulosamente as inscrições. Regressado à Europa, após a atribulada expedição (1761-1767), que levou à morte vários dos seus participantes, Carsten Niebuhr viria a publicar, em 1777, cópias rigorosas das inscrições que observara e estudara em Behistun. O seu estudo permitiu-lhe ainda chegar à conclusão de que estava perante uma inscrição, por conseguinte um mesmo texto, que se desenrolava paralelamente em três sistemas de escrita diferentes. Estes sistemas de escrita, ainda que diferentes, eram todos cuneiformes e um deles, suportado na inscrição por trinta e seis signos diferentes, era provavelmente alfabético. Sabemos hoje que este texto foi produzido no reinado de Dario I, e que, embora recorrendo à escrita cuneiforme, correspondia a três línguas assaz distintas - o persa, o elamita e o babilónio.

K. H. Münster deu um contributo importante para a decifração futura do cuneiforme ao datar o texto da época aqueménida, definindo-o como uma inscrição real. Esse foi um passo importante, uma

vez que os nomes dos reis aqueménidas, conhecidos nas fontes gregas, se repetiam amiúde no texto trilingue. Anquetil-Duperron, por outro lado, foi um profundo conhecedor de línguas orientais e em 1771 traduziu o Zend-Avesta, os textos sagrados zoroástricos. O conhecimento da língua do Avesta e dos textos pahlavi dessa mesma época abriu novas perspectivas de decifração ⁽³⁾, uma vez que tornou possível ler na inscrição palavras como Dario e Xerxes. Tornavam-se assim conhecidos alguns dos signos cuneiformes, abrindo a porta à futura decifração da escrita. Todavia, era ainda longo o caminho a percorrer.

Já no século XIX, foram finalmente dados os passos decisivos que acabariam por conduzir a 1857. Foram dois os homens que se destacaram nesta empresa: o alemão Grotefend e o inglês Henry Rawlinson. Grotefend era um epigrafista e filólogo, especializado na língua latina, no entanto, as inscrições cuneiformes, já conhecidas na Europa desde Niebuhr, despertaram a sua atenção. Dedicou-se à inscrição em persa antigo, aquela que Niebuhr já suspeitara encontrar-se numa escrita alfabética, agora partindo de uma fórmula que se repetia no texto e que, por analogia com o pahlavi do período sassânida, Grotefend concluíra tratar-se de uma titulação. Esse paralelismo permitiu estabelecer a correspondência com um número maior de signos, assim como decifrar e traduzir pequenas inscrições como eram as titulações. Em 1802, o filólogo alemão apresentou as suas conclusões, as quais constituíam um extraordinário progresso, mercê da identificação de cerca de quinze signos, mas a Sociedade Real das Ciências e a Universidade de Göttingen não acolheram favoravelmente os seus estudos, o que o levou a desistir.

A dificuldade inerente à decifração da escrita cuneiforme que suportava a inscrição em acádio, babilónio neste caso, revelava-se obviamente muito superior. O número de signos envolvidos era muito maior. Estava-se perante um conjunto de mais de quinhentos signos, sendo que o babilónio e o assírio do I milénio utilizavam cerca de seiscentos signos. Deduziu-se que essa escrita era essencialmente silábico-fonética, mas que continha também ideogramas. Os paralelismos e a observação comparada entre os três sistemas de escrita começaram a desempenhar aqui um papel fundamental. Assim, percebeu-se que à palavra «rei» em persa antigo correspondia um ideograma em acádio, recorrendo-se apenas a um signo.

Henry Rawlinson, depois de servir na Índia, a partir de 1827, na Companhia das Índias Orientais, tendo então a oportunidade de aprender o persa, foi depois enviado para o planalto iraniano. A inscrição

de Behistun despertou-lhe a atenção e, conseqüentemente, começou em 1835 a copiá-la sistematicamente. Aliás, já antes havia estudado duas inscrições localizadas no monte Elwend. Com enormes dificuldades e em condições extremamente adversas, pendurado por cordas, levou anos na árdua tarefa de copiar as inscrições de Behistun. Com o conhecimento que tinha do avesta e do sânscrito, Rawlinson conseguiu chegar a uma tradução do texto em persa antigo, no fundo, a chave para a decifração ulterior dos outros dois sistemas de escrita.

Na sequência desta conquista, Rawlinson dedicou-se, entre 1844 e 1847, a copiar as inscrições babilónica e elamita. O babilónio apresentava a vantagem de pertencer à família das línguas semíticas, o que facilitava o processo dedutivo devido às analogias com línguas então conhecidas como o hebraico, o aramaico ou mesmo o árabe. Em 1851, publicou a transliteração e a tradução da inscrição babilónica. Quanto à inscrição elamita, Rawlinson tomou a decisão de facultar os seus apontamentos a Edwin Norris, filólogo e linguísta inglês, que se dedicou à tarefa de a decifrar entre 1838 e 1851. Descobriu que se tratava de uma escrita essencialmente silábica que usava 123 signos. A maior dificuldade advinha do facto de, ao contrário das outras duas línguas, o persa antigo e o acádio, o elamita não ter relação evidente com nenhuma outra língua conhecida, o que tornava mais complexo o processo de dedução e de decifração. Outro nome que deve ser evocado na decifração da inscrição elamita, a par de Norris, é o de Neils Ludvig Westergaard, um orientalista dinamarquês que estudou o sânscrito. Entre 1841 e 1844, viajou pelo Oriente, registando e copiando inscrições cuneiformes do período aqueménida. Dedicou-se, em particular, à decifração da inscrição elamita, sendo, a par de Norris, um dos nomes importantes a referir neste complexo processo.

Do quarteto que em 1857 correspondeu ao desafio de Norris devem também ser evocados outros nomes, para além de Rawlinson, que contribuíram significativamente para a decifração do cuneiforme. Oppert e Talbot foram figuras importantes, mas é justo destacar Edward Hincks, um clérigo irlandês, que apesar de permanecer na sombra de Rawlinson, desempenhou igualmente um papel relevante. Estudou línguas antigas, tendo começado pelo egípcio hieroglífico. Na década de trinta, a sua atenção foi desviada pelo persa antigo e pela escrita cuneiforme que o suportava mas o seu contributo mais importante foi na decifração do acádico cuneiforme, tendo chegado a conclusões paralelas, embora independentes das de Rawlinson. Para além de ter descoberto que muitos dos signos cuneiformes acádicos

eram polifónicos, isto é, podiam ter leituras fonéticas diferenciadas, acrescentou ainda a identificação de diversos ideogramas determinativos, os quais classificam semanticamente algumas palavras.

O ano de 1857 foi apenas o do reconhecimento oficial, o ponto de chegada de uma longa caminhada, para a qual contribuíram generosamente alguns homens de génio, pioneiros de uma disciplina, alguns dos pais fundadores da assiriologia. Foi, no entanto, o início de uma nova aventura intelectual - o conhecimento da civilização mesopotâmica através da sua literatura.

Notas

<1> Edward SAID, *Orientalismo*, Lisboa: Livros Cotovia, 2003, p. 14.

<2> *Itálico do autor.*

(3) C. B. F. WALKER, *Cuneiform*, London: British Museum Press, 1998, p. 48.

Francisco Caramelo